

LER O OUTRO, LER A SI:

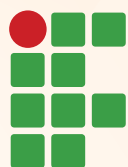
A ALTERIDADE NO ENSINO DE LITERATURA

LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO
GEAN DIAS COUTINHO

LER O OUTRO, LER A SI:

A ALTERIDADE NO ENSINO DE LITERATURA

1ª edição
Vitória/ES
2026



INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO



PROFLETRAS

LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO
GEAN DIAS COUTINHO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

C871L Coutinho, Gean Dias.

Ler o outro, ler a si [recurso eletrônico] : a alteridade no ensino de literatura / Gean Dias Coutinho, Letícia Queiroz de Carvalho. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2026.

64 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-5331-173-2 (*E-book*)

1. Educação – Filosofia. 2. Leitores – Reação crítica. 3. Literatura brasileira – Espírito Santo (Estado). 4. Contos brasileiros. 5. Professores – Formação. I. Carvalho, Letícia Queiroz de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

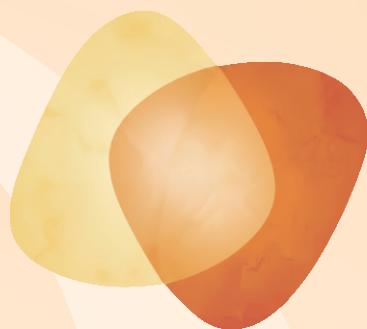
CDD 21 – 370.1

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG – 3.116



PROJETO GRÁFICO ILUSTRAÇÕES E DIAGRAMAÇÃO

A organização visual deste Produto Educativo foi realizada pela designer e ilustradora Aline Antônio. As imagens e os textos utilizados como apoio foram selecionados em sites de acesso público e em obras já publicadas. Em respeito aos/às autores/as e aos direitos de criação, os links e as referências correspondentes são indicados ao longo do material. Esta publicação possui finalidade exclusivamente educativa, sem fins lucrativos.



**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS**

Av. Vitória, 1729 – Jucutuquara
Vitória - ES - CEP: 29040-780

COMISSÃO CIENTÍFICA

Doutor Rafael da Silva Marques Ferreira
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno

Doutor Luciano Novaes Vidon
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
Membro Externo

REVISÃO DE TEXTO

Letícia Queiroz de Carvalho

DIAGRAMAÇÃO/ILUSTRAÇÃO

Aline Antonio
(27) 99807-3770

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO

PROFLETRAS/ IFES



INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Adriana Piontkovsky Barcellos
Reitora

Sanandreaia Torezani Perinni
Pró-Reitora de Ensino

Maíra Maciel Mattos de Oliveira
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Anderson Rozeno Bozzetti Batista
Pró-Reitor de Extensão e Produção

Leandro Bitti Santa Anna
Pró-Reitor de Administração e Orçamento

Eglon Rhuan Salazar Guimaraes
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

André Gustavo de Sousa Galdino
Diretor Geral do Campus Vitória – Ifes

Luciano Lessa Lorenzoni
Diretor de Ensino

Poliana Daré Zampirolli Pire
Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

Telma Carolina Smith
Diretora de Extensão

Roseni da Costa Silva Pratti
Diretora de Administração e Planejamento

Mayelli Caldas de Castro
Coordenadora do Profletras

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Nível de Ensino a que se destina o produto: Ensino Básico e Superior

Área de Conhecimento:Ensino

Público-Alvo: Professores e profissionais atuantes na Educação Básica.

Categoria deste produto: Didática

Finalidade: Auxiliar professores e profissionais com atuação em qualquer nível, nas práticas de leitura literária no Ensino Médio.

Organização do Produto: O produto foi estruturado em 3 capítulos, a fim de inspirar educadores, alunos e a comunidade escolar com o incentivo e a promoção da leitura no contexto das escolas da Educação Básica do ES.

Registro do Produto: Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES, Campus Vitória.

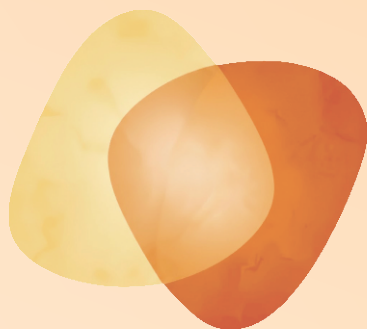
Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: Meio digital

URL:Produto disponível no site do Profletras: <https://profletras.vitoria.ifes.edu.br>

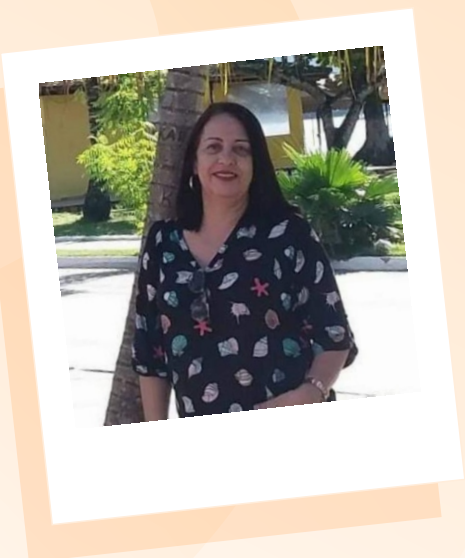
Origem do Produto: Trabalho de Dissertação intitulado “A ALTERIDADE NA LITERATURA CAPIXABA: um diálogo na Educação Básica com os microcontos de *Algumas pessoas cem palavras*, do autor Hudson Ribeiro”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Letras - Profletras, do Instituto Federal do Espírito Santo.

Agradecimentos: Ao Profletras, aos Professores participantes, alunos e voluntários.



SOBRE OS AUTORES

LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO



Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), com lotação no campus Vitória e atuação na Área de Letras e Educação, na graduação presencial em Letras-Português, na graduação a distância em Letras-Português e nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF (2022), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2012); Mestre em Estudos Literários pela UFES (2004) e Licenciada em Letras-Português pela UFES (1999). Integra o Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH - UFES). É líder do grupo de pesquisas Núcleo de Estudos em Literatura e Ensino (IFES-Campus Vitória).

GEAN DIAS COUTINHO



Professor da rede estadual de ensino do Espírito Santo. Mestrando em Letras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES). Especialista em Teoria da Literatura e Produção Textual pelo Instituto Superior de Educação Ateneu (ISEAT). Especialista em Educação Básica e Saberes Pedagógicos na Contemporaneidade (IFF) e Licenciado em Letras: Português e Literaturas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF). Integra o grupo de pesquisas Núcleo Bakhtiniano de Pesquisas em Leitura (IFES-Campus Vitória).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....10

CAPÍTULO 1

O FAZER LITERÁRIO DE HUDSON RIBEIRO UMA
POÉTICA RESPONSÁVEL.....13

CAPÍTULO 2

LEITURA E ALTERIDADE: UM DIÁLOGO BAKHTINIANO
COM OS MICROCONTOS DE HUDSON RIBEIRO.....20

CAPÍTULO 3

PARA QUE A LEITURA NA SALA DE AULA?.....31

ENCONTRO I – O QUE SIGNIFICA VER E ESCUTAR O OUTRO?.....32

ENCONTRO II – ONDE EU ESTOU?.....36

ENCONTRO III – QUEM VÊ O QUE NINGUÉM VÊ?.....4

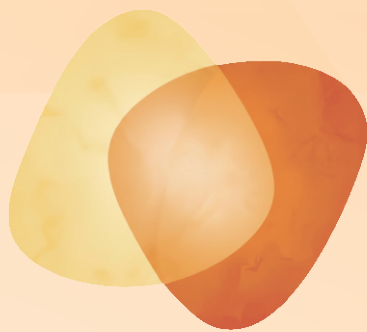
ENCONTRO VI – CORPO E SILÊNCIO45

ENCONTRO V – SOBREVIVER É RESISTIR.....49

ENCONTRO VI – O NEGRO EM CENA.....54

ENCONTRO VII – ONDE EU ESTOU?.....58

REFERÊNCIAS.....62



APRESENTAÇÃO

*Este caderno pedagógico é o produto educacional vinculado à dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes – Campus Vitória, e integra a Linha de Pesquisa II – Estudos Literários. Trata-se de um desdobramento da pesquisa intitulada A alteridade na literatura capixaba: um diálogo na Educação Básica com os microcontos de **Algumas pessoas cem palavras**, do autor Hudson Ribeiro.*

A proposta nasceu da constatação de que ainda predominam, nas aulas de literatura da Educação Básica, práticas prescritivas voltadas à decodificação, que pouco estimulam a escuta ativa, o debate e a construção coletiva de sentidos. Tal cenário, discutido por autores como Antonio Candido (2023), Cosson e Paulino (2012) e Geraldi (2011), dificulta o desenvolvimento de uma leitura crítica e sensível da literatura como prática humanizadora.

Com base nos aportes teóricos de Mikhail Bakhtin (2011, 2014, 2017, 2020), especialmente nos conceitos de alteridade e exotopia, e nas contribuições de Paulo Freire (2021), que compreende a leitura como um ato de compreensão e transformação do mundo, este material propõe atividades voltadas à formação do leitor ético e responsivo. Também se apoia nos argumentos de Antonio Candido (2023), para quem a literatura é um direito fundamental, por contribuir com a formação da subjetividade e com o exercício da cidadania.

O corpus escolhido, os microcontos de Hudson Ribeiro, insere os estudantes no universo da literatura capixaba contemporânea,



aproximando-os de vozes locais que retratam experiências sociais, afetivas e culturais de maneira concisa, porém potente. A escolha por esse gênero visa potencializar a leitura crítica e a escuta do outro, trabalhando de maneira acessível com temas complexos que emergem do cotidiano.

O caderno está estruturado em três seções: a primeira traz a apresentação do autor e sua obra; a segunda apresenta a fundamentação teórica e a contextualização da proposta; e a terceira oferece encontros de leitura com base em microcontos selecionados e sugestões de aprofundamento e materiais de apoio para que os professores possam adaptar as práticas ao seu contexto. Os encontros abordam temáticas como identidade, racismo, desigualdade social, violência simbólica, relações familiares e outras dimensões da vida cotidiana que dialogam com o universo humano.

O objetivo principal é oferecer subsídios teórico-práticos para que professores da Educação Básica possam conduzir experiências de leitura que estimulem o diálogo, a escuta, a reflexão crítica e o reconhecimento das múltiplas vozes que compõem nossa sociedade.

Acredita-se, assim, que a leitura literária, quando articulada à alteridade e à cultura, pode ser instrumento de formação ética e emancipação dos estudantes.



1

CAPÍTULO I

O FAZER LITERÁRIO DE HUDSON RIBEIRO

UMA POÉTICA RESPONSÁVEL

A proposta aqui desenvolvida tem como eixo a leitura da obra *Algumas pessoas com palavras*, de Hudson Ribeiro, articulada a outras narrativas literárias e culturais que favorecem a escuta do outro e o exercício da alteridade. Com base nos estudos de Mikhail Bakhtin (2011, 2014, 2017, 2020), Paulo Freire (2021) e Antonio Candido (2023), compreendemos que a leitura literária é mais do que decodificação: ela é um ato ético, estético e político, um encontro com o mundo do *outro*, que permite ressignificar o nosso.

O caderno é composto por sete encontros de leitura, estruturados com duração de 50 minutos cada, contemplando microcontos do livro, textos de apoio, atividades de interpretação e produção, rodas de conversa e sugestões de materiais complementares, como filmes, séries, músicas e outros livros. A organização segue um percurso gradual, partindo de reflexões sobre alteridade, passando por identidade cultural, relações sociais e culminando em discussões sobre relações étnico-raciais.

Acreditamos que a escola é um espaço possível para formar leitores sensíveis e críticos, capazes de dialogar com a pluralidade de vozes que compõem a realidade. Este caderno convida professores e estudantes a compartilharem leituras, experiências e afetos, em um movimento de escuta, reconhecimento e transformação.

Como apontado no *site* Literatura do Espírito Santo (2025), Hudson Ribeiro nasceu em Vitória (ES), no dia 25 de abril de 1961, e faleceu em

setembro de 2021, por volta dos 60 anos. Foi escritor, poeta, professor da rede pública de ensino do Espírito Santo e pesquisador das relações entre linguagem, filosofia e cultura afro-brasileira. Sua trajetória acadêmica e literária foi marcada por um forte compromisso social e educativo.

Graduou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em 2003, especializou-se em Educação Comunitária também pela UFES em 2009, e concluiu o mestrado em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), em 2017. No ano de 2019, iniciou seu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES, com pesquisa dedicada aos "Fundamentos Filosóficos de Mikhail Bakhtin na Concepção de Linguagem como Interação Verbal". No entanto, não chegou a concluir o trabalho devido ao seu falecimento.

Hudson Ribeiro



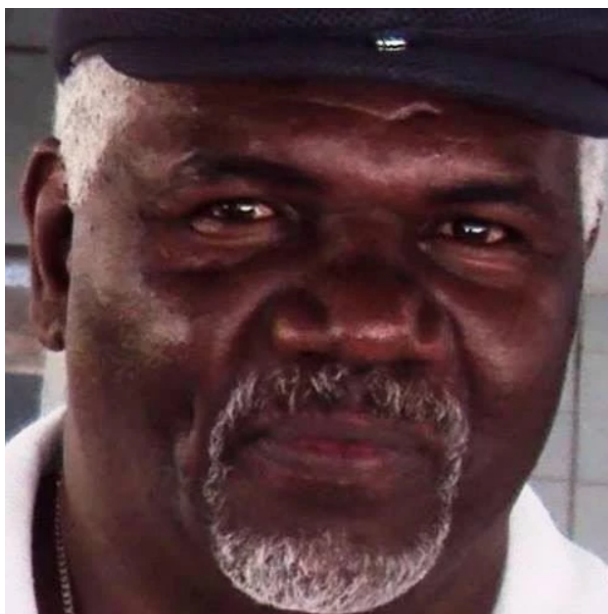
Fonte: <https://www.instagram.com/p/DL7ojRouNzS/>

Desde jovem, Hudson esteve engajado em movimentos sociais e na defesa da cultura afro-brasileira, sendo reconhecido por entidades como o SINDIUPES (Sindicato dos/as Trabalhadores/as em Educação Pública no Espírito Santo) por sua atuação em debates e ações voltadas à valorização

das identidades negras.

A relação com a literatura começou cedo. Em um *podcast* do canal *Coletivo Quadro-a-Quadro*, disponível no *YouTube*, Hudson relata que foi alfabetizado muito cedo, por intermédio de sua irmã, e que sempre demonstrou interesse pela leitura e pela escrita. Ele aponta uma professora do Colégio Americano, em Vitória, como figura decisiva em seu percurso, ao incentivá-lo durante uma feira de ciências nos anos 1980. Esse episódio foi, segundo o próprio autor, determinante para que assumisse a escrita como forma de expressão e comunicação com o mundo.

Hudson Ribeiro



Fonte: <https://literatura-do-espírito-santo.webnode.page//hudson-ribeiro/>

Entre suas obras publicadas, destacam-se: *Ideias com Pernas* (em coautoria com Vitor Cei Santos, Flor & Cultura, Vitória, 2004); *Lucidez Renitente* (Multifoco, Rio de Janeiro, 2013); *Africanta: Ser Negro* (edição do autor, Vitória, 2015); *Algumas Pessoas Cem Palavras* (Editora Viseu, 2019); *Círculo Poetizado* (Editora Pedro & João, 2020); e a obra póstuma, *Antes de o Galo Cantar* (Editora Cândida, 2023).

Entre esses títulos, damos destaque a *Algumas Pessoas Cem Palavras* (2019), obra que se tornou objeto de estudo por seu caráter

singular. O livro reúne cem microcontos, cada um com cem palavras, nos quais o autor retrata pessoas comuns com sensibilidade e rigor estilístico. A proposta estética alia concisão e lirismo, tão presentes na ideia de microconto, compondo pequenos retratos literários que registram gestos, falas e silêncios de certos indivíduos. Ao evitar o heroísmo e a espetacularização, Hudson revela um olhar ético sobre o cotidiano, conferindo valor literário às vidas ordinárias e aos sujeitos que passam despercebidos no dia a dia.

Com escrita concisa e sensível, Ribeiro apresenta uma galeria de personagens distintos, colocados em situações diversas, mas unidos por uma espécie de inquietação silenciosa. Há, em cada história, uma escuta profunda do humano: de suas fragilidades, suas tensões e seus pequenos gestos de dignidade. A cada conto, o leitor se depara com um novo rosto, uma nova voz, uma nova tentativa de construir sentido no emaranhado da vida ordinária.

A obra *Algumas Pessoas Cem Palavras* evidencia o domínio de Hudson Ribeiro sobre os recursos da linguagem literária e sua atenção minuciosa ao detalhe humano. O autor organiza um mosaico de existências múltiplas, ora reais, ora ficcionalizadas, em que o sujeito comum, quase sempre periférico ou socialmente invisível, ganha forma, voz e densidade poética.

O que poderia soar como um exercício de estilo se transforma, sob a condução de Hudson Ribeiro, em um gesto crítico e sensível. As restrições da forma, longe de limitar a criatividade, operam como um convite à condensação expressiva. A partir de situações cotidianas, os textos constroem camadas de sentido que ultrapassam o comezinho, o prosaico: há uma escuta aguda do tempo presente e de suas contradições, mas também uma abertura para a polissemia e a ambiguidade, próprias da literatura em seu estado mais refinado. Cabe ressaltar, dessa forma, os nomes das personagens criadas.

O jogo entre lirismo e crítica social atravessa a obra em diferentes

registros. O universo religioso, por exemplo, aparece tensionado por imagens contundentes e figuras específicas. A contundência da linguagem poética é reforçada por efeitos de sonoridade e ritmo que ampliam o impacto semântico e convidam o leitor à leitura atenta, desacelerada, mesmo diante da ideia de micronarrativa, uma postura contra hegemônica em tempos de leitura apressada e consumo imediato de textos.

Em várias passagens, o texto se volta sobre si mesmo, questionando a memória, a invenção e o próprio fazer literário. As críticas, embora cifradas são incisivas, e se inscrevem na mesma chave ética que percorre a produção do autor.

Algumas Pessoas Cem Palavras (2019) não é apenas um exercício técnico de concisão, mas um projeto estético e político de dar visibilidade ao que escapa ao olhar automatizado. A forma breve e precisa se contrapõe ao excesso informacional do presente, contraditória à pressa cotidiana, e a escuta sensível que atravessa os textos oferece uma alternativa à indiferença generalizada que marca os tempos de hiperindividualismo.

Trata-se, portanto, de uma obra que possui uma gama de compromisso social. Por meio de um conjunto de vozes que não se impõem, mas sussurram, denunciam, silenciam, imploram, Hudson Ribeiro oferece ao leitor uma experiência literária plural, profundamente crítica, e ao mesmo tempo lírica. Em suas cem pessoas de cem palavras, está contida a ideia de humanidade.

Sua poética, como o próprio autor declarou em diferentes entrevistas, é atravessada pela tentativa de dar visibilidade ao outro. Essa perspectiva se vincula a uma crítica à hegemonia eurocêntrica e à busca por uma linguagem que reconheça o lugar do sujeito negro, da periferia e das margens. Em *Africanta: Ser Negro* (2015), por exemplo, Hudson define o livro como um “canto de orgulho da raça”, uma tentativa de romper com a representação do negro apenas como herança da escravidão.

Publicada postumamente, *Antes de o galo cantar* (2022) revela ao leitor a reafirmação de uma vertente marcante de sua produção: a incursão pela narrativa curta, como observamos em *Algumas pessoas cem palavras* (2019). Nos contos que compõem o livro, o autor desenha personagens que habitam o cotidiano com intensidade e delicadeza. São figuras comuns, habitando bairros, vilas, escolas, casas ou ruas, que carregam em si o esforço de pertencer, de ser ou de resistir dentro de um mundo muitas vezes hostil ou indiferente.

A literatura de Hudson Ribeiro, marcada pela atenção às margens e aos silenciados, também se faz presente no livro póstumo. Assim como em seus livros de poesia, o autor valoriza o sujeito que normalmente não ocupa o centro da cena literária, e o faz com respeito, sem folclorizar nem idealizar suas dores. A experiência docente e o envolvimento com movimentos sociais também ecoam nesta obra, conferindo aos contos um fundo ético discreto, mas constante.

Antes de o galo cantar (2022) é, portanto, uma obra que amplia a compreensão sobre o projeto literário de Hudson Ribeiro. Mais do que uma reunião de contos, trata-se de um testemunho do compromisso do autor com a escuta, com a palavra e com a representação de vidas que raramente encontram espaço nos livros. A publicação póstuma se transforma, assim, em gesto de memória e permanência, um tributo à literatura como forma de evidenciar vozes, corpos e o lugar dos invisíveis.

Hudson Ribeiro foi casado com Alice Hübner e, até o fim da vida, manteve-se como voz ativa no debate educacional, literário e político no Espírito Santo. Sua contribuição permanece relevante tanto no campo da literatura quanto no da formação crítica, sendo lembrado por colegas, estudantes e leitores como alguém que escreveu com o mundo e para o mundo à sua volta.



2

CAPÍTULO II

LEITURA E ALTERIDADE: UM DIÁLOGO BAKHTINIANO COM OS MICROCONTOS DE HUDSON RIBEIRO

Ao refletirmos sobre as narrativas literárias, é fundamental considerar a diversidade de gêneros ficcionais existentes, bem como seus elementos constitutivos. O microconto, embora tenha se consolidado como um gênero próprio, mantém vínculos com outras formas narrativas como a fábula, a crônica, o poema em prosa e, sobretudo, o conto. Essa influência maior do conto sobre o microconto é destacada por Carvalho (2017), que observa seu caráter assimilador: “[...] apesar da proximidade com o conto, o microconto é antropofágico, bebe em todos os gêneros e formas de expressão artística, assim, enriquecendo-se” (p. 266). Apesar da expressividade concentrada e da linguagem sintética que o caracteriza, o microconto ainda é pouco trabalhado em práticas pedagógicas, o que aponta para a importância de investigar suas contribuições no contexto educacional.

Sobre a produção literária em prosa curta, podemos afirmar uma transformação significativa em suas formas de produção e circulação, influenciada pelos avanços tecnológicos e pela cultura digital. Tais mudanças impactam não apenas o meio de publicação, mas também a extensão textual e a linguagem utilizada.

O microconto surge como expressão alinhada à lógica da comunicação contemporânea, marcada pela agilidade e concisão. Também denominado "discurso hiperbreve", esse formato reflete a era da informação rápida, despertando interesse especialmente entre os leitores

mais familiarizados com os recursos digitais. No entanto, vale ressaltar que a brevidade, por si só, não define um microconto. Como lembra Gomes (2013), esse gênero exige concisão, narrativa completa, presença de subtexto, economia descritiva, relação com o cotidiano e, preferencialmente, um desfecho impactante.

Portanto, o microconto configura-se como uma forma literária que, apesar de sua extensão mínima, preserva densidade de significados e demanda uma leitura atenta e colaborativa. Seu potencial expressivo o torna uma ferramenta valiosa para práticas de leitura e interpretação na escola, favorecendo o engajamento crítico e criativo dos estudantes.

Segundo Spalding (2008), o microconto conserva os elementos estruturais essenciais do conto tradicional, como a tensão narrativa, a intensidade emocional, a construção de efeito e a presença de um núcleo narrativo, mas faz isso em um espaço reduzido. Essa condensação extrema leva o autor a compará-lo a uma “bomba nuclear literária” (Spalding, 2008, p. 59), cuja potência não está no volume, mas na reverberação que provoca no leitor após sua leitura.

Essa perspectiva se articula com a reflexão do escritor argentino Ricardo Piglia (2004), para quem todo conto opera com duas histórias simultâneas — uma aparente, visível; outra latente, que se revela nas entrelinhas. Essa dualidade, ao ser aplicada ao microconto, evidencia a importância do não dito, do subtexto, como lugar onde se concentra a verdadeira força de significação do texto. A leitura, assim, se transforma em exercício de escuta e descoberta, capaz de trazer à tona camadas profundas de sentido ocultas sob a superfície do enunciado.

Julio Cortázar (2013), por sua vez, destaca o caráter explosivo da narrativa breve ao afirmar que um conto significativo ultrapassa seus próprios limites mediante uma “explosão de energia espiritual [...]” (Cortázar, 2013, p. 153). Tal formulação se ajusta com precisão ao microconto, gênero que, por sua brevidade, exige que cada palavra cumpra uma função significativa e que todos os elementos do texto —

inclusive o título — contribuam para a construção de sentido e o impacto final.

No que se refere ao ambiente digital, é necessário compreender que as plataformas digitais não impõem um limite à narrativa breve, mas, ao contrário, ampliam suas possibilidades de circulação e recepção. O microconto, embora frequentemente associado à cultura digital, veloz e das redes sociais, também encontra espaço fora desses meios, o que comprova sua versatilidade como forma estética e comunicativa.

A relação entre a brevidade narrativa do microconto e o pensamento de Mikhail Bakhtin se torna particularmente fecunda quando observamos os conceitos de alteridade e exotopia, especialmente em textos que exploram as tensões da existência e o olhar para o outro. Conforme observa Amorim (2023), a atualidade do pensamento bakhtiniano reside justamente na articulação entre ética e criação, seja artística ou teórica, o que se evidencia na maneira como o autor estrutura sua teoria do acontecimento discursivo e estético.

Desse modo, o vínculo entre a teoria bakhtiniana e o microconto se evidencia especialmente na dimensão responsiva do leitor. A concisão do texto convoca o leitor a participar ativamente na construção de sentido, como sujeito que dialoga com o “outro” inscrito na linguagem. Se toda enunciação, segundo Bakhtin, se dá em um contexto dialógico, o microconto intensifica essa condição ao exigir, pela economia verbal, uma leitura atenta aos não ditos e às entrelinhas — aspectos que instauram um espaço de alteridade entre o eu que lê e o outro que é narrado.

A esses processos soma-se a noção de exotopia, central no pensamento de Bakhtin, que designa a possibilidade de compreender o outro a partir de uma posição externa, nunca neutra, mas situada. O leitor do microconto, deslocado de uma leitura linear ou previsível, precisa posicionar-se fora do texto para reconstruir seus sentidos, movimentando-se entre o implícito e o explícito, entre o silêncio e o impacto final. Esse gesto de leitura exotópica não apenas amplia o alcance de significações

possíveis, como também reforça a responsabilidade ética do sujeito diante da palavra.

Em *Arte e responsabilidade*, no livro *Estética da criação verbal*, Bakhtin (2011) reafirma essa perspectiva ao escrever que “[...] arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade” (Bakhtin, 2011, p. XXXIV). Nesse trecho, evidencia-se a concepção de que a arte, enquanto realização estética, e a vida, enquanto experiência concreta, devem se encontrar no sujeito que responde pelo ato — único e irrepetível — de se posicionar no mundo. Essa unidade da responsabilidade não é abstrata, mas encarnada na existência singular de cada um, e constitui o fundamento ético de toda criação significativa.

Essa perspectiva ética e relacional culmina na proposição de três instâncias centrais que estruturam o ato responsável: “eu-para-mim”, “o outro-para-mim” e “eu-para-o-outro”. A partir dessas relações, organizam-se todos os valores e sentidos, como afirma o autor

Estes momentos fundamentais são: eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro; todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também os éticos e sociais) e, finalmente religiosos. Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volutivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro (Bakhtin, 2017, p. 114-115).

Dessa forma, o microconto, enquanto prática literária que convoca o leitor a participar ativamente da construção do sentido e a se deslocar em direção ao outro, pode ser pensado como um território privilegiado para o exercício da alteridade, da escuta e da responsabilidade.

A relação entre o microconto e o pensamento de Mikhail Bakhtin adquire especial relevância quando observamos o conceito de alteridade, eixo central para compreender o caráter dialógico da linguagem e da experiência estética. Para Bakhtin, o “eu” não é uma entidade autônoma ou

completa em si, mas se constitui nas relações que estabelece com o outro. É nesse espaço de encontro que emergem os sentidos, sempre plurais e inacabados.

Ao tratar da constituição do sujeito, Bakhtin propõe a metáfora do espelho, em que o “eu” jamais se percebe por inteiro, sendo sempre o outro quem oferece uma imagem mais abrangente. Em *O homem ao espelho*, o autor afirma:

Como é dada a minha aparência para mim mesmo? Fragmentos do meu corpo dados para mim de forma imediata (sem espelho). [...] Eu me coloco em uma cena, mas não deixo de me perceber em mim mesmo. [...] Eu não conheço aquele meu corpo inteiramente externo e que se encontra todo no mundo exterior, que se tornará cadáver; ele pode ser objeto de pensamento, mas não uma experiência viva (Bakhtin, 2020, p. 54).

Essa concepção aponta para a impossibilidade de se conhecer por completo fora da mediação com o outro. Assim, a identidade passa a ser compreendida como construção relacional, situada no tempo, no espaço e no discurso. Nas palavras de Geraldi (2019, p. 126), o homem vive em “acabamentos provisórios” oferecidos pelo outro, que, de sua posição exotópica, goza de um excedente de visão, capaz de ver o sujeito por ângulos inacessíveis a si mesmo. Contudo, esse acabamento nunca é definitivo ou absoluto, pois permanece aberto ao diálogo, à resposta e à reconstrução.

Essa perspectiva ganha força na articulação entre os conceitos de estética e ética desenvolvidos por Bakhtin em *Arte e responsabilidade* (2011), quando o autor afirma que “[...] arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade” (Bakhtin, 2011, p. XXXIV).

Pensar a literatura, e conseqüentemente o ato de ler, a partir da alteridade é compreender que todo ato de leitura se constitui com a voz do outro. Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem é sempre dialógica, cada palavra traz consigo ecos de outras vozes, de outras consciências. É nessa

perspectiva que se insere a literatura produzida no Espírito Santo, mais especificamente na produção e recepção de Algumas pessoas com palavras, oferece um espaço para refletir sobre a relação entre o eu e o outro, individual e coletivo, por vezes marginalizado. Ao trazer os microcontos para a Educação Básica, busca-se não apenas ampliar o repertório literário dos estudantes, mas também promover um exercício ético de escuta e reconhecimento da alteridade.

A partir do horizonte dialógico e alteritário que orienta a leitura literária, torna-se pertinente deslocar o olhar para o modo como essa experiência pode se consolidar no ambiente escolar, especialmente quando mediada por práticas que reconheçam a potência ética, estética e política da palavra. A discussão sobre leitura e mediação exige, então, um movimento que considere não apenas a dimensão dialógica apresentada anteriormente, mas também as implicações pedagógicas e políticas desse encontro entre sujeito, palavra e mundo. Se a literatura no horizonte bakhtiniano, manifesta sempre a presença do *outro*, seus ecos, tensões e rastros; a mediação do professor (a) surge como espaço em que essa alteridade encontra possibilidade real de formação.

Andruetto (2017) recorda que a leitura, para além da prática solitária, é um instrumento de intervenção capaz de provocar distanciamento crítico, perguntas e construção de juízo próprio. Tal perspectiva se relaciona ao pensamento freiriano que afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele (Freire, 2021, p. 36). A ideia expressa por Freire (2021) parte do pressuposto de que toda leitura, inclusive a literária, é um festo que nasce da experiência concreta do sujeito no mundo. Antes de decifrar letras, sílabas ou frases, o leitor já interpreta a realidade ao seu redor: os modos de viver, os comportamentos sociais, os conflitos, as desigualdades, as expectativas e as narrativas que atravessam sua realidade. Dessa forma, não aprendemos a ler apenas por mecanismos técnicos específicos e ensinados, mas já estamos, desde sempre, envolvidos em processos de compreensão e significação

Nesse sentido, a escola não surge como um simples depósito de textos, mas como um território em que se constroem condições para que a palavra circule com densidade e potência, sobretudo entre aqueles que historicamente tiveram menos acesso a ela.

Quando Andruetto (2017) recupera a imagem do “tapete” tecido por diferentes subjetividades, em seu livro *A leitura, outra revolução*, sugere que cada leitor, ao entrar em relação com um livro, inscreve-se nesse tecido simbólico, ampliando a memória coletiva e, simultaneamente, reposicionando a si mesmo. É esse movimento de inscrição e deslocamento que a mediação literária precisa favorecer, especialmente, na Educação Básica, onde a constituição de sujeito leitor implica contato com a complexidade das relações humanas, do mundo e não com sua simplificação. Diante desse cenário e da mediação que o texto literário requer, Andruetto afirma, sobre a atuação docente que

[...] O professor é uma ponte indispensável, pois um bom mestre transmite, além de conhecimentos específicos, um modo de estar no mundo, uma concepção de vida, e pode deixar uma marca profunda, pode deixar o seu sinal: ensinar, em seu sentido mais essencial (Andruetto, 2017, p. 127).

Portanto, o ato de ensinar ultrapassa a transmissão de conteúdos de conteúdos e se inscreve na formação ética e responsável dos estudantes. Ao sustentar que um bom mestre comunica um “modo de estar no mundo”, a autora enfatiza que toda prática pedagógica, sobretudo no campo da leitura literária, implica na orientação do olhar do aluno para determinadas formas de perceber, interpretar e ressignificar a realidade. A mediação docente não se limita a conduzir o estudante ao texto, mas envolve criar condições para que a experiência literária se torne espaço de interrogação, de possíveis deslocamentos e aberturas ao outro. Assim, a autora aborda e postula não ao respeito à imposição de valores, mas à possibilidade de evidenciar a voz do aluno, estimulando-o a construir sua própria leitura de mundo e sua própria voz interpretativa. De modo que a relação com a literatura se configure como experiência transformadora e não como mero

cumprimento de exigências escolares.

Buscamos, assim, reconhecer que formar leitores não se reduz à disponibilização de obras, textos, ou ao cumprimento de um programa, mas envolve habilitar o estudante a atravessar o texto e a ser atravessado por ele. Dado que ler, escrever e escutar é “Um caminho de liberdade” (Andruetto, 2017, p. 105).

É no cruzamento entre ética, estética, fala, escuta e pedagogia que a mediação literária se afirma como prática essencial na construção de leitores capazes de responder ao mundo com criticidade, sensibilidade e consciência.

Portanto, o microconto pode ser compreendido como um lugar privilegiado para o exercício dessa ética responsiva, na qual alteridade, concisão e estética se entrelaçam.

QUEM É MIKHAIL BAKHTIN?



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wiki>

Mikhail Bakhtin (1895-1975) constitui uma referência fundamental para os estudos da linguagem, da literatura e da cultura, tendo produzido importantes reflexões que repercutem em áreas diversas como a

estética, a filosofia e a crítica. Conforme observa Grillo (2023), trata-se de um pensador cuja obra ultrapassa os limites disciplinares, permitindo abordagens amplas sobre o funcionamento da linguagem e sobre o lugar do sujeito no processo de comunicação.

Nascido em 1895, em uma família aristocrática russa, Bakhtin iniciou sua formação em Filologia na Universidade de São Petersburgo, em um contexto marcado pela Primeira Guerra e pela Revolução Soviética. Sua mudança para a cidade de Nevel, em 1919, marca o início de sua atuação como professor e o momento em que passa a reunir colaboradores que futuramente constituiriam o chamado Círculo de Bakhtin. Entre esses interlocutores destacam-se nome como Valentin Volóchinov, Lev Pumpianski e Pável Medvédev. É nesse ambiente intelectual que se consolidam as bases de um projeto teórico, como sintetiza Grillo, “deu origem a uma das correntes de pensamento mais influentes do século XX” (Grillo, 2023, p. 133).

As obras de Bakhtin oferecem um arcabouço conceitual significativo. Sua reflexão sobre a constituição do sujeito, sempre atravessado pela presença do outro, e sobre o caráter dialógico de todo enunciado, possibilita repensar práticas de leitura que valorizem o encontro entre vozes, perspectivas e experiências distintas.

Podemos destacar entre as obras de Mikhail Bakhtin *Estética da criação verbal*, que reúne textos em que o autor discute o que é e como se manifesta a criação artística, especialmente a linguagem literária, enfatizando o papel da interação e da responsividade nos processos de produção e recepção de enunciados. Já em *Problemas da poética de Dostoiévski*, o autor se concentra na formulação do conceito de polifonia e na análise do romance dostoievskiano como forma dialógica, ressaltando a presença de múltiplas consciências que coexistem sem serem subordinadas a uma única voz autoral. Por fim, mas não sendo a totalidade de sua obra, *O homem ao espelho*, retomando reflexões sobre a constituição ética e estética do sujeito,

abordando a importância do olhar do outro na construção da identidade, sempre ancorada em relações dialógicas, e *Para uma filosofia do ato responsável*, expondo fundamentos éticos de sua concepção de sujeito, defendendo que cada indivíduo ocupa um lugar singular no mundo e é responsável por seus atos.

A relevância do Círculo de Bakhtin, considerando sempre a totalidade de colaboradores desses estudos, para o campo da educação literária decorre justamente dessa concepção dinâmica da linguagem, que compreende o texto como espaço de interação e de responsividade. Nesse sentido apresentar para professores (as) e estudantes essa perspectiva que valoriza o diálogo, a pluralidade de vozes e a leitura como experiência formadora surge como algo pertinente.

O CÍRCULO



Cidade de Leningrado, entre 1924 a 1926. Sentados da esquerda para a direita: Bakhtin, Maria Yudina, Valentim Volóchinov, Mikhail Pumpyansky, Pavel Medvédev. De pé: Konstantin Vaguinov e sua esposa.

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/Circulo_de_bajtin_1924.JPG

Não podemos desconsiderar a produção de outros pesquisadores e intelectuais russos na década de 1920 e 1930, por mais que sua repercussão esteja centrada em Bakhtin. As contribuições desse grupo revolucionaram os estudos da linguagem com os conceitos de signo ideológico, gêneros discursivos, dialogismo, polifonia, enunciado concreto e outros.



3

CAPÍTULO III

PARA QUE A LEITURA NA SALA DE AULA?

Antes de começar a apresentação dos encontros de leitura, torna-se necessário reconhecer que esse projeto busca:

- Promover a reflexão sobre a alteridade na literatura produzida no Espírito Santo, a partir da teoria bakhtiniana, utilizando os microcontos do livro *Algumas pessoas cem palavras* de Hudson Ribeiro como recurso didático para a formação leitora na Educação Básica.

Este caderno busca:

- Relacionar o conceito de alteridade formulado por Bakhtin e suas implicações para o ensino de literatura;
- Contextualizar a produção de Hudson Ribeiro no cenário da literatura capixaba;
- Analisar microcontos do livro *Algumas pessoas cem palavras*;
- Propor estratégias de leitura e atividades pedagógicas que favoreçam o reconhecimento da alteridade em sala de aula;
- Estimular o desenvolvimento da escuta e do respeito ao outro como valores éticos mediados pela experiência de leitura.

Nosso tempo de encontro será de **50 minutos**.



1º

ENCONTRO I

O QUE SIGNIFICA VER E ESCUTAR O OUTRO?

TEMÁTICA:

Alteridade

CORPUS LITERÁRIO:

Mineirinho, de Clarice Lispector.

Este primeiro encontro marca a abertura da realização das oficinas. A escolha do conto *Mineirinho*, de Clarice Lispector, se justifica por sua estrutura acessível, narrativa fluida e temática que pode colaborar com a conversa sobre alteridade e consideração com o *outro*: trata-se de uma história centrada em uma narrativa que, ao se ver diante de uma notícia sobre um assassinato, a narradora é levada a rever seus próprios limites de percepção, escuta e sensibilidade. O encontro visa, portanto, despertar nos alunos o horar para a ideia de relação com o *outro* como presença concreta e transformadora, não apenas como conceito abstrato.

A leitura do conto permitirá que os alunos entrem em contato com a ideia de que é no encontro com o *outro* que construímos novas formas de compreender a realidade, para enfim chegar na humanização.

OBJETIVO:

- Apresentar o conto *Mineirinho* como ponto de partida para refletir sobre o conceito de alteridade e escuta do *outro*, promovendo uma leitura responsiva e o início do contato com a proposta das oficinas.
- Expor o nome e o estilo do autor capixaba Hudson Ribeiro, preparando o percurso das próximas leituras.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:

Disponha as cadeiras em semicírculo ou roda, de forma que todos possam se ver durante a leitura e a conversa. Se não for possível mudar a posição das carteiras, o professor pode sugerir que os alunos se virem para os colegas na hora da roda de conversa e leitura do conto.

ETAPAS DO ENCONTRO

1º ACOLHIDA E AMBIENTAÇÃO

O (A) professor (a) inicia o encontro com a seguinte pergunta no quadro ou projetada:

“Você já mudou de ideia depois de ouvir alguém que pensava diferente de você?”

Nesse momento, pode haver o convite para que os estudantes compartilhem experiências breves. O (A) professor (a) pode comentar que esse encontro é um chamado para “ver com os olhos do outro”.

2º APRESENTAÇÃO DO CONTO E AUTOR

Apresentar brevemente Clarice Lispector: autora brasileira, cuja obra se destaca pelo estilo e pela atenção ao cotidiano, possibilitando a introdução dos estudantes à potência estética de narrativas que revelam múltiplas dimensões da experiência humana. Embora os microcontos de Hudson Ribeiro sejam o foco central deste caderno, sugere-se que o professor, no encontro inicial, estabeleça diálogos com outros textos literários que problematizam a alteridade, ampliando o senso interpretativo e com a dimensão ética da escuta, em consonância com a perspectiva bakhtiniana. Outras narrativas curtas, de autores nacionais ou estrangeiros, também podem ser mobilizadas para enriquecer a discussão inicial dos encontros.

3º LEITURA GUIADA E DIALOGADA

O texto pode ser lido em voz alta, em partes, com pausas estratégicas para discussão:

- Após a menção aos treze tiros, perguntando: por que a narradora reage de maneira diferente ao primeiro e ao último disparo?
- No trecho em que ela reconhece o próprio alívio diante da morte.
- No momento do décimo terceiro tiro.
- Na reflexão final, quando a narradora desloca a discussão da figura do criminoso para a responsabilidade coletiva.

PERGUNTAS MEDIADORAS:

- O que esse alívio revela sobre a forma como a sociedade costuma reagir diante da morte de alguém considerado “criminoso”?
- O que significa dizer que o décimo terceiro tiro a “assassina”?
- Como você interpreta a afirmação “eu sou o outro”?
- O texto nos permite permanecer indiferentes? Por quê?

4º APROFUNDAMENTO E CONVERSA SOBRE A LEITURA

Propor aos estudantes que apresentem verbalmente as impressões sobre a leitura. O (A) professor (a) pode mediar a discussão com perguntas sobre o ato de ler em si, sobre o conto, sobre a temática ou direcionar conversas que possam surgir durante esse momento.

Considerando que esse é o primeiro encontro, os estudantes podem demonstrar alguma inibição inicial para o compartilhamento de percepções e interpretações. Caso essa situação aconteça, o (a) professor (a) pode iniciar a conversa falando sobre suas próprias percepções do texto. Esse compartilhamento de experiência pode ser importante para um primeiro contato em grupo.

5º CONCLUSÃO

Pode-se encerrar o encontro retomando a pergunta inicial e convidando os participantes a refletir: “Será que, ao considerar o outro, nós também mudamos?”

MATERIAL NECESSÁRIO:

- Cópias do conto *Mineirinho* (impressas ou projeção do texto);
- Quadro para anotações.

SUGESTÕES COMPLEMENTARES

O escafandro e a borboleta (Julian Schnabel, 2007) é um filme da biografia de um editor francês que, após um AVC, passa a se comunicar apenas com os olhos. A obra dialoga com o tema da escuta profunda e da percepção além da fala.

A editora capixaba Cousa lançou um e-book grátis chamado *O mais Eu de todos em mim vive me desconhecendo*. Nesta obra de Vitor Nogueira e Jorge Elias, encontramos um mundo que, por vezes, é desigual. Trata-se um de livro de fotografias e poemas abordando pessoas em situação de rua. O livro está disponível no link: <https://www.editoracousa.com.br/produtos/o-mais-eu-de-todos-em-mim-vive-me-desconhecendo-e-book-gratuito/>



2º

ENCONTRO II

ONDE EU ESTOU?

TEMÁTICA:

Identidade capixaba

CORPUS LITERÁRIO:

LII – Salgados; LXVI – Sal; XXVI – Capixaba. Microcontos do livro *Algumas pessoas cem palavras*

A valorização da identidade cultural local é essencial para o fortalecimento do pertencimento dos estudantes à sua comunidade. Em um cenário escolar ainda marcado pela centralidade de produções literárias do eixo sul-sudeste (sobretudo do Rio de Janeiro e São Paulo), é necessário abrir espaço para textos que dialoguem com o cotidiano do aluno e com seu lugar de origem.

Hudson Ribeiro, autor capixaba contemporâneo, apresenta em seus microcontos a cultura local que aparece nas entrelinhas. A presente oficina promove a aproximação dos estudantes com sua realidade por meio da escuta literária e da autorrepresentação, estimulando o reconhecimento da literatura como espelho e instrumento de identidade.

OBJETIVO:

Refletir sobre identidade e pertencimento por meio da literatura local, reconhecendo elementos da cultura capixaba presentes nos textos e incentivando os estudantes a relacionarem os microcontos com suas próprias vivências culturais.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:

Recomendamos formar grupos de cinco a oito alunos para a roda de conversa inicial e a leitura dos textos, permitindo trocas mais próximas. No momento do compartilhamento dos textos autorais (“Na minha cidade...”), aconselhamos a disposição em semicírculo.

ETAPAS DO ENCONTRO

1º ACOLHIDA E AMBIENTAÇÃO

O (A) professor (a) pode iniciar o encontro com uma pergunta no quadro ou com uma projeção:

“O que faz você se sentir em casa em uma história?”

Nesse momento pode haver o convite para que os alunos citem palavras, imagens ou comidas que lembram a ideia de pertencimento. Registrar no quadro ou em uma nuvem de ideias.

2º LEITURA GUIADA DOS MICROCONTOS

Neste momento acontecerá o início da leitura. Nesse encontro, os estudantes estarão organizados em grupos de 5 a 8 pessoas. Busca-se nesse momento uma leitura inicial em grupos menores e, depois, uma leitura coletiva.

Distribuir ou projetar os três microcontos: Salgados; Sal e Capixaba. Pode ser realizada uma leitura prévia entre os grupos, logo após, a leitura em voz alta com diferentes alunos voluntários. Sugerir atenção especial para a ambientação e as marcas culturais.

LII SALGADOS

Todas às tardinhas entre o sol cair de todo, indo iluminar a outra banda da Terra e a noite estender o seu véu, tornando possível contemplar as estrelas, Manuel Castro de Barros do alto do morro da Desilusão Desatada, gostava de contemplar a cidade em que nascera e vira transformar-se de província ingênua e feliz em cidade violenta e sanguinária. Como ele amava aquela ilha... Por conta desse amor,

nunca aceitara os inúmeros convites que recebera ao longo de sua vida para fazer ressoar o seu maravilhoso saxofone em outras paragens, que não fossem afagadas pelos braços salgados do mar.

RIBEIRO, Hudson. LII SALGADOS. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 67.

LXVI SAL

Larisse Capistrano Veiga sempre tivera vontade de fazer o que fazia agora, antes o pai a proibia, depois o esposo a impedia. E foi preciso muito tempo para se convencer de que podia fazer o que quisesse, pois tanto o pai como o esposo já eram defuntos silenciosos. Já estava com água até a linha do pescoço e de repente sentiu uma vontade de chorar imensa e foi o que fez com as suas lágrimas se confundindo com o salgado do mar, que nem ela mesma sabia qual era o sal da água e qual era o sal das lágrimas.

RIBEIRO, Hudson. LXVI SAL. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 81.

XXVI CAPIXABA

Jandice Pedreira, dona da birosca "Dois Passos" coçou a cabeça minúscula, oprimida por imenso par de orelhas cabeludas e disse pensativa olhando o horizonte: "o pior de todos que eu já vi foi um tal Capixaba, aquele homem era ruim com força, durante anos foi braço direito do coronel Azulão, sempre taciturno, dizem que carrega umas trinta mortes nas costas, dizem que não só matava, como também, colecionava a pele dos rostos das suas vítimas, para comprovar o serviço. Depois que o coronel se desgraçou, dizem que o Capixaba voltou para sua terra natal, foi atrás dos coronéis do petróleo.

RIBEIRO, Hudson. XXVI CAPIXABA. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 40.

3º APROFUNDAMENTO E CONVERSA SOBRE A LEITURA

Para esse momento, busca-se mediar uma discussão com as seguintes perguntas orientadoras:

- Que elementos da cultura capixaba aparecem nesses textos?
- Você já viveu alguma situação parecida com a retratada?
- O que é ser capixaba? Onde essa identidade aparece (ou desaparece) no cotidiano?

4º APROFUNDAMENTO

O (A) professor (a) pode pedir para que os alunos terminem a frase: “Na minha cidade...”. Caso seja necessário, folhas podem ser distribuídas para anotações. Pode ser uma memória, uma cena do cotidiano ou um poema. Use imagens, cheiros, sons, sabores ou falas que possam colaborar com a discussão.

5º CONCLUSÃO

Encerrar a escuta ativa com uma breve discussão sobre a temática e a possibilidade de relacionar o tema com situações do cotidiano, curiosidades ou o sentimento de pertencimento

MATERIAL NECESSÁRIO:

- Cópias impressas ou projeção dos microcontos;
- Papel ou caderno para auxiliar a organização das falas;
- Quadro para anotações.

SUGESTÕES COMPLEMENTARES

A obra de Rubem Braga (1913-1990), considerado um dos maiores cronistas da literatura brasileira, é caracterizada pela atenção ao cotidiano, aos momentos simples, paisagens, pessoas e sentimentos. Sua produção capta a memória afetiva dos lugares, mostrando como espaços comuns podem se tornar significativos. Nascido em Cachoeiro de Itapemirim, sua obra possui uma forte influência do sentimento do pertencimento local e da relação do ser humano com o ambiente em que vive.

Bernadette Lyra (1938-) se destaca pela sólida atuação literária e acadêmica, marcada pela atenção às memórias, às identidades femininas e às paisagens e cultura do Espírito Santo. Nascida em Conceição da Barra, formou-se em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo e desenvolveu uma carreira que se expande para a pesquisa e para o ensino, especialmente nas relações entre literatura e cinema, campo no qual realizou doutorado na Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado na Sorbonne, Paris. Sua escrita aborda reflexões sobre o papel das mulheres na sociedade capixaba. Integrante da Academia Espírito-Santense de Letras e professora emérita da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Bernadette Lyra consolidou uma obra que articula lirismo, crítica, memória e o imaginário regional.



3°

ENCONTRO III

QUEM VÊ O QUE NINGUÉM VÊ?

TEMÁTICA:

Relações sociais

CORPUS LITERÁRIO:

Microcontos do livro *Algumas pessoas com palavras*: XIV – Longe; XVI – Navio e XXVIII – Coluna.

Neste terceiro encontro, propõe-se a leitura de microcontos que exploram a intensidade de temas como afastamento, solidão, frustração e ausência. Busca-se nesse encontro além da escuta múltipla, que os alunos possam identificar silêncios sociais, as ausências e tensões que permeiam as próprias vidas e as comunidades. Espera-se que, ao dialogarem com esses textos, eles desenvolvam a compreensão da relação entre indivíduo e espaço social. Refletindo sobre si mesmo, sobre os outros e o mundo que habitam.

OBJETIVO:

- Refletir sobre o modo como diferentes sujeitos são tornados “invisíveis” no convívio social, promovendo a escuta atenta e a responsabilidade por meio da leitura literária.
- Estimular o reconhecimento de como o comportamento humano se transforma (ou não) diante da presença do outro.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:

Formar um semicírculo com os alunos para a leitura dos microcontos. Neste encontro, há a proposta de produção de um bilhete literário, os alunos podem escrever em duplas ou de forma individual, mas o encerramento deve ser feito em roda, para o momento de escuta e leitura compartilhada.

ETAPAS DO ENCONTRO

1º ACOLHIMENTO E PROVOCAÇÃO INICIAL

O (A) professor (a) inicia o encontro com a seguinte provocação escrita no quadro ou projetada:

“Você já passou por alguém que parecia não estar ali para os outros?”

Nesse momento, propomos uma breve conversa sobre pessoas que vemos todos os dias e às vezes não enxergamos: como os trabalhadores da limpeza urbana, pessoas em situação de rua ou idosos solitários.

2º LEITURA GUIADA

Os microcontos podem ser lidos em voz alta, em alternância com os participantes ou uma leitura silenciosa inicial. Esse momento deve ser usado, também, como forma de leitura conjunta.

PERGUNTAS MEDIADORAS:

- Quem está ausente nesse texto?
- Que sentimentos aparecem nas entrelinhas?
- O que o título diz sobre a presença ou ausência do outro?

XIV LONGE

... E se dois mais dois são quatro, como explicar o fato de um mais um ser mais que dois? E se os números nunca mentem como explicar pra essa gente tantas previsões errantes, jazendo muito longe do alvo? É preciso ter cuidado ao se quantificar a vida, pois os números são

mentirosos e falham quando deles mais se precisam, assim, Cosme Buarque Sarmiento, se exibia pelas praças da cidade, as suas roupas maltrapilhas destoavam do seu excelente português e a sua forma galante de agradecer os poucos trocados que recebia. Ninguém poderia imaginar ele, fora um excelente professor universitário.

RIBEIRO, Hudson. XIV LONGE. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 28.

XVI NAVIO

Quando o céu se acinzentou como se a natureza esgrimisse a sua insatisfação com o comportamento do ser humano em relação ao meio ambiente, envenenando a água, o ar e os alimentos, Odina Clementina da Veiga, ainda se encontrava longe de casa, localizada na periferia da periferia, na pressa de vir embora para cuidar da festa de aniversário do seu filho caçula, esquecer a sombrinha no trabalho. Agora era rezar para o ônibus vir logo. Vir logo, até que veio, mas tão lotado, que passou direto pelo ponto e deixou a Odina à mercê do temporal e a ver navio.

RIBEIRO, Hudson. XVI NAVIO. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 30.

XXVIII COLUNA

Do alto do morro mais íngreme, Sebastiana Maria Capiroba contemplava as luzes da cidade e as suas podridões disfarçadas, cinco dos seus dez filhos morreram de inanição e os outros cinco dormiam, mais uma vez de barrigas vazias, e o seu esposo entrevado na cama após ser vítima de uma bala perdida. E como sempre pensava, até quando suportarei essa dor? A sua coluna já envergada pelo peso da carga, exige imediata intervenção, mas o posto fechou por excesso de doentes no corredor, até quando suportarei essa dor? Futebol; samba; religião; cachaça, programas de televisão, não tem a menor graça.

RIBEIRO, Hudson. XXVIII COLUNA. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 42.

4º APROFUNDAMENTO E CONVERSA SOBRE A LEITURA

O momento de aprofundamento deve ser usado como troca de experimentações leitoras. Para a discussão sobre o texto, o professor pode conduzir a roda de fala com as perguntas:

- Quem são os invisíveis no nosso bairro, escola ou cidade?
- O que torna alguém invisível socialmente?
- Já presenciamos situações de descaso ou exclusão?

5º ATIVIDADE ESCRITA E CONCLUSÃO

Propomos a produção de um bilhete ou pequeno texto com a frase inicial: “Agora eu vejo você...”. O texto pode ser endereçado a um personagem fictício ou a uma pessoa real (sem nomeá-la diretamente). Após a construção do texto, se os participantes desejarem, pode-se compartilhar os bilhetes verbalmente no espaço de leitura.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- Cópias dos microcontos em folhas ou projeção;
- Papel, lápis/caneta.

SUGESTÕES COMPLEMENTARES

A série *Segunda Chamada*, exibida pela TV Globo e disponível no *streaming Globoplay*, é ambientada em uma escola pública da rede estadual. A narrativa acompanha professores e estudantes do ensino noturno da Educação de Jovens e Adultos (EJA), revelando desafios pessoais, sociais e estruturais que atravessam a vida escolar. Ao dar visibilidade a histórias de abandono, luta e resistência, a série expõe silêncios sociais muitas vezes invisibilizados e mostra a escola como espaço de possibilidade, ainda que marcado por tensões e dificuldades.

Tino Freitas e Odilon Moraes constroem juntos o livro *Os invisíveis*. Destinado ao público infantil, constrói uma narrativa delicada sobre personagens que passam despercebidos no cotidiano. O texto de Tino Freitas, aliado às ilustrações de Odilon Moraes, convida o leitor a perceber aquilo que os olhos muitas vezes ignoram: vidas que carregam histórias e resistências. Um livro infantil que pode ensinar gente grande.

4º

ENCONTRO IV

CORPO E SILÊNCIO

TEMÁTICA:

Relações sociais

CORPUS LITERÁRIO:

Microcontos do livro *Algumas pessoas cem palavras*: XXXVII – Corpo e XLIII – Violência

Este encontro propõe a leitura dos microcontos *Corpo* (XXXVII) e *Violência* (XLIII), que abordam temas sensíveis e urgentes, como saúde mental e violência doméstica. A escolha desses textos busca abrir espaço para discussões críticas sobre os silenciamentos que atravessam o corpo, sobretudo quando ele é alvo de negligência, opressão ou agressão invisível.

A abordagem dessas narrativas visa provocar nos estudantes um olhar mais atento às complexidades das relações sociais, promovendo a alteridade, a escuta ativa e o posicionamento ético diante de situações de vulnerabilidade. Ao tratar desses temas por meio da literatura, o encontro de leitura reforça o compromisso com uma educação que valoriza o diálogo e a formação crítica dos sujeitos.

OBJETIVO:

- Promover a escuta sensível e a reflexão crítica sobre temas como saúde mental e violência doméstica a partir da leitura literária, valorizando o corpo como território de experiências e silenciamentos.
- Estimular o posicionamento ético dos estudantes diante das dores invisibilizadas no cotidiano e a elaboração de sentidos que contribuam para o acolhimento e a responsabilidade social.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:

Dispor as cadeiras em semicírculo, criando um ambiente de escuta coletiva e acolhimento.

ETAPAS DO ENCONTRO

1º ACOLHIMENTO E PROVOCAÇÃO INICIAL

O (A) professor (a) inicia o encontro com uma breve fala sobre o tema: como o corpo e o silêncio podem comunicar emoções e sofrimentos que as palavras nem sempre alcançam.

Pode-se usar a pergunta disparadora:

“Você já se sentiu sem palavras para descrever o que sentia?”

2º LEITURA GUIADA

Neste momento, propõe-se uma leitura individual, em silêncio. Após a leitura dos textos, pode-se propor a interpretação conjunta. Caso seja necessário, o (a) professor (a) pode fazer perguntas mediadoras.

PERGUNTAS MEDIADORAS:

- O que está sendo dito? O que não está dito?
- Há um apelo silencioso nesses textos?

XXXVII CORPO

Edith Sheider era a menina mais linda do bairro, depois da terrível crise financeira que se abateu sobre a sua família, emagreceu horrores, sendo alvo de piada da turma de mau caráter, de frente parece de lado e de lado some, diziam jocosos, foi após o emagrecimento que a Edith passou a desfilar pelas ruas, vestida com uns vestidos rotos muito

engraçados, apregoando que o mundo acabaria no dia seguinte, logo após o pôr do sol. Quando a ambulância veio buscá-la foi preciso meia dúzia de homens, ninguém imaginaria tanta força em um corpo tão fragilizado. No sanatório aplicavam choques.

RIBEIRO, Hudson. XXXVII CORPO. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 51.

XLIII VIOLÊNCIA

Gesuíno Osório Campos era um homem realmente cordial, sempre disposto a quebrar o galho dos necessitados de seus préstimos, realizando a boa ação conforme o preceito cristão, o que a sua mão direita fazia, à esquerda nem via. No bar "Esperança", onde realizava o seu happy hour diário, sempre tinha uma boa e nova piada para fazer gargalhar os amigos e ninguém jamais soubera de qualquer desavença entre ele com quem quer que fosse. Por isso causou tanto alarido, quando a notícia da sua prisão por violência doméstica contra a esposa, correu o bairro com a velocidade de um raio.

RIBEIRO, Hudson. XLIII VIOLÊNCIA. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 57.

3º APROFUNDAMENTO E CONVERSA SOBRE A LEITURA

Trabalhar temáticas como violência e silenciamentos em sala de aula convida os estudantes a refletirem como as palavras, quando insuficientes, cedem espaço ao não dito. Deve-se ter cuidado à sensibilidade dos alunos quanto às temáticas trabalhadas. Busca-se, portanto a ampliação da sensibilidade leitora e o reconhecimento, no literário, de experiências cotidianas. Caso necessário, pode-se usar perguntas para incentivar a discussão:

- “O corpo fala?”
- “O que silencia o corpo no texto que lemos?”

4º APROFUNDAMENTO E CONVERSA SOBRE A LEITURA

Para finalizar o encontro, o (a) professor (a) pode retomar brevemente os principais pontos da leitura, destacando como os microcontos revelam vulnerabilidades e resistências por meio do silêncio. Em seguida, propõe-se um momento de partilha livre, no qual os alunos são convidados apenas a se expressar, se desejarem. Esse momento pode ser tratado como um espaço de eco, em que cada estudante pode se partilhar ou se calar, pois até o silêncio, nesse contexto, é parte da resposta.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- Cópias dos microcontos em folhas ou projeção;
- Papel, lápis/caneta.

SUGESTÕES COMPLEMENTARES

As Vantagens de Ser Invisível (2012), adaptação do livro homônimo de Stephen Chbosky, traz para o centro da narrativa a experiência de um adolescente marcado pelo luto, pela solidão e pelas dificuldades em lidar com a saúde mental. Ao mesmo tempo, o filme apresenta a força dos vínculos de amizade e a descoberta de espaços de pertencimento. A obra dialogada com temas sensíveis como depressão, trauma e o papel da escuta entre pares, promovendo empatia e reflexão sobre a importância do apoio mútuo.

5º

ENCONTRO V

SOBREVIVER É RESISTIR

TEMÁTICA:

Vulnerabilidade social, violência e comportamento humano diante das adversidades

CORPUS LITERÁRIO:

Microcontos do livro *Algumas pessoas cem palavras*: LXX – Porcaria, LXXXVII – Imprensa e III – Sobreviveu do autor Hudson Ribeiro

Este encontro convida os estudantes a refletirem sobre as múltiplas formas de vulnerabilidade presentes no cotidiano, partindo da leitura dos microcontos *LXX – Porcaria*, *LXXXVII – Imprensa* e *III – Sobreviveu*. As narrativas evidenciam personagens confrontados com a marginalização, o preconceito e a invisibilidade social. Ao articular esses textos, pretende-se provocar o olhar ético dos estudantes e instigar o reconhecimento da alteridade em contextos de crise, exclusão e enfrentamento. A leitura literária torna-se, assim, espaço de denúncia e formação cidadã.

OBJETIVO:

- Promover a reflexão crítica sobre os efeitos da violência simbólica, física e midiática na vida dos sujeitos;
- Estimular o debate sobre alteridade, resistência e a ideia de banalização da dor do outro na sociedade contemporânea.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:

Organizar a sala de modo que as cadeiras formem um círculo ampliado com o centro livre de modo que todos consigam se comunicar.

ETAPAS DO ENCONTRO

1º ACOLHIMENTO E PROVOCAÇÃO INICIAL

O (A) professor (a) inicia o encontro com uma pergunta mediadora sobre a relação humana com a mídia:

“Você já se sentiu afetado por uma notícia ou não se importou com a pessoa dessa notícia?”

Tal pergunta visa preparar os estudantes para a leitura dos microcontos.

2º LEITURA GUIADA

A leitura dos microcontos pode ser feita em grupo com pequenas pausas, para uma maior compreensão dos textos. Caso seja necessário, o professor pode fazer algumas perguntas para guiar a discussão sobre as temáticas do encontro.

PERGUNTAS MEDIADORAS:

- Quais personagens aparecem nos textos?
- Que relação os textos constroem entre vida, dor e indiferença social?

LXX PORCARIA

Sigismundo Passos depois de alvejado três vezes por balas de arma de grosso calibre, ainda correu por uns trinta metros, enquanto se esvaia em sangue como um chafariz macabro, com as vistas turvadas como cerrado lusco-fusco, com as pernas cada vez mais trôpegas como bêbado após orgia desenfreada e a boca seca como terra desértica exigindo água urgentemente, ainda pensava, porcaria! Logo agora que decidi finalmente tomar juízo, arrumei emprego como servente na nova

ponte, e me matriculei no supletivo para acabar o meu primeiro grau, até joguei na maré o meu revólver, e o que será da Marileide? Porcaria...

RIBEIRO, Hudson. LXX PORCARIA. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 85

LXXXVII IMPRENSA

Heronaldo Passos Simplício impôs a si mesmo a tarefa de cruzar o deserto do Saara. Pediu conta do seu emprego no banco, vendeu o seu carro e a sua moto, liquidou a sua poupança e viajou todo empolgado para o continente africano. Durante o voo o avião sofreu uma pane e teve que fazer um pouso de emergência em Serra Leoa, lá conheceu a enfermeira norte-americana Mary Anne, um alinda loura de olhos estonteantemente azuis, que o convenceu de que o embola era invenção da imprensa, ele apaixonado, acreditou. O seu corpo chega ao Brasil no avião das dezoito horas.

RIBEIRO, Hudson. LXXXVII IMPRENSA. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 102.

III SOBREVIVEU

Antes tudo era diferente, mas já faz tanto tempo, ou tudo mudou tanto, que nem me lembro mais de como era? Família, escola, igreja, era tudo diferente, família era papai e mamãe, reunião para as refeições, conferência do olhar do menino e da barriga da menina; escola era lugar de aprender e não creche para adolescentes e a igreja só tinha a de Roma e sem padres pedófilos, quer dizer, ninguém falava que tinha né? Será o final dos tempos meu filho? Foi pensando assim que o Zeca Inocência se jogou da ponte no primeiro dia de abril. Coitado, sobreviveu.

RIBEIRO, Hudson. III SOBREVIVEU. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 17

3º APROFUNDAMENTO E CONVERSA SOBRE A LEITURA

Neste momento, o professor pode dirigir a conversa para as impressões sobre a leitura e a relação com a realidade. Textos que, inicialmente, tratamos como indevidos para a sala de aula, podem servir como um fértil campo para as discussões leitoras dada a sua significação. Para a discussão sobre o texto, o professor pode conduzir a roda de fala com as perguntas:

- Por que a sociedade se acostuma com a violência?
- Como a mídia (TV, redes sociais, jornais) retrata pessoas em situação de vulnerabilidade?
- É possível resistir mesmo quando tudo parece contra?

4º CONCLUSÃO

Para encerrar o encontro com uma última mediação, uma última conversa coletiva pode ser organizada sobre a importância da vida humana e a reação da sociedade contemporânea em relação ao sofrimento.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- Cópias dos microcontos em folhas ou projeção;
- Papel, lápis/caneta.

SUGESTÕES COMPLEMENTARES

O livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* da autora Carolina Maria de Jesus é um diário que registra a vida cotidiana da autora na favela do Canindé, em São Paulo, durante o início da década de 1960. Por meio de relatos pessoais, Carolina documenta a fome, a pobreza, a exclusão social e o cotidiano de mulheres e crianças em situação de vulnerabilidade. A obra oferece ao leitor uma visão direta e sem filtros de uma realidade, muitas vezes, invisibilizada.

Francisco Solano Trindade (1908-1974), nascido no bairro São José, em Recife, tornou-se uma das figuras centrais da cultura afro-brasileira. Poeta, ator, pintor, dramaturgo e militante, desenvolveu uma obra marcada pela denúncia das desigualdades sociais, pela valorização da identidade negra e pela defesa das expressões populares. Desde sua infância, conviveu com manifestações culturais como o Pastoril e o Bumba-meu-boi, influências que permeiam toda sua produção artística. A partir de 1930, envolveu-se intensamente com movimentos negros, colaborando na criação da Frente Negra Pernambucana e do Centro de Cultura Afro-Brasileira.



6º

ENCONTRO VI

O NEGRO EM CENA

TEMÁTICA:

Relações étnico-raciais

CORPUS LITERÁRIO:

Microcontos do livro *Algumas pessoas cem palavras*: XVII – Banco e XXXIX – Luanda.

Este encontro busca discutir questões étnico-raciais a partir de microcontos que abordam o racismo estrutural, a violência simbólica e a ancestralidade africana na experiência brasileira. Os textos escolhidos, *XVII – Banco* e *XXXIX – Luanda*, trazem à tona memórias e marcas do colonialismo que ainda atravessam a sociedade brasileira, desafiando os leitores a revisitarem imaginários e práticas sociais que naturalizam a exclusão e a indiferença. A escolha desses microcontos reforça a importância de trabalhar no espaço escolar as vozes e vivências historicamente silenciadas, promovendo a escuta e o combate às formas de discriminação racial e racismo.

OBJETIVO:

- Refletir sobre o racismo estrutural e as diferentes formas de violência simbólica e física que incidem sobre os corpos negros;
- Estimular a escuta e o reconhecimento da diversidade racial e cultural como parte da formação cidadã e da educação literária.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:

Os participantes podem formar um círculo ou semicírculo. Inicialmente, busca-se ter um espaço para a projeção dos microcontos ou a distribuição dos textos em papel. Esta organização é pensada para criar focos nas leituras e possíveis debates.

ETAPAS DO ENCONTRO

1º ACOLHIMENTO E PROVOCAÇÃO INICIAL

A temática desse encontro está direcionada para as questões étnico-raciais. Espera-se que questões quanto ao racismo e a desigualdade social surjam na conversa de aprofundamento. O (A) professor (a) pode conduzir o encontro de modo que leve à compreensão dos estudantes que devemos considerar o outro, mas não podemos sentir a dor desse outro. Dessa forma, o conceito de alteridade pode ser trabalhado e aprofundado, mesmo que não conceitualmente,

2º LEITURA GUIADA

Neste encontro, a leitura dos microcontos pode partir dos estudantes que se voluntariarem ou, caso isso não aconteça, pelo (a) próprio (a) professor (a). A proposta é que uma pessoa guie a leitura, enquanto os outros acompanham por projeção ou papel impresso.

XVII BANCO

Noemir Lima Machado encontrava-se no banco do estado para retirar o seu fundo de garantia, quando os assaltantes chegaram tocando o maior terror. Noemia tremia mais que vara verde sob vendaval intenso. Em sua cabeça passava cenas horríveis de sonhos desfeitos e pesadelos solidificados. Para sua surpresa, o homem que parecia ser o chefe, ordenou ao grupo para que a deixasse em paz, pois era irmã de cor. E de nada adiantou os seus protestos, pois o grupo preocupado com a fuga nem mesmo a ouviu. O coração da Noêmia saltava pela boca. Quando a polícia chegou enquadrou-a como cúmplice.

RIBEIRO, Hudson. XVII BANCO. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 31.

XXXIX LUANDA

Quando Chegou à África, foi tomada pela sensação mais estranha de sua vida, uma sensação de estranheza, mas o mais estranho, que era um estranhamento prenhe de intimidades e uma intimidade recheada de estranhamentos, os sabores, as cores, os odores do povo na rua arremessava Adalgiza Alencar Pereira para muito além dela mesma e tornava a ouvir a sua voz interior indagando: "não é que é assim mesmo?" Ela sempre se desassossejava com o desinteresse dos homens pelo alcance da clareira aberta pelo e no pensamento. Apenas relaxou quando contemplou a lua de Luanda e foi apresentada a sua tribo.

RIBEIRO, Hudson. XXXIX LUANDA. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**. Maringá: Viseu, 2019. p. 53.

3º APROFUNDAMENTO E CONVERSA SOBRE A LEITURA

Busca-se, nesse momento, uma conversa sobre a temática central dos microcontos selecionados, o racismo e a discriminação. O compartilhamento de experiências, vivências e percepções podem contribuir para a conversa.

Caso necessário, o (a) professor (a) pode recorrer às seguintes perguntas:

- Há algum gesto de violência ou exclusão nos textos?
- Você já percebeu no dia a dia algum desses gestos?
- O que esses textos revelam sobre o modo como o corpo negro é percebido na sociedade?
- Como a literatura pode ajudar a transformar realidades racistas?

4º CONCLUSÃO

Para a conclusão do encontro, sugere-se uma conversa final abordando as inquietações, percepções e sentimentos que podem ter surgido durante o processo de leitura. Dessa forma, os participantes que desejarem podem compartilhar suas percepções voluntariamente.

SUGESTÕES COMPLEMENTARES

O livro *Pequeno Manual Antirracista*, de Djamila Ribeiro, editora Companhia das Letras, reúne treze lições curtas e objetivas que ajudam a compreender como o racismo se manifesta no cotidiano e de que forma ele pode ser combatido. A obra possui linguagem acessível, aproximando temas como lugar de fala, representatividade e responsabilidade social, tornando-se uma leitura importante para jovens e professores que desejam refletir criticamente sobre desigualdade, racismo e participar ativamente de uma sociedade mais justa.

O filme *Medida Provisória* (2022), dirigido por Lázaro Ramos, mistura drama e distopia para discutir racismo e questões identitárias. A narrativa parte de uma lei fictícia que obriga cidadãos negros a deixarem o Brasil, revelando tensões sociais atuais. Com atuações marcantes e forte impacto visual, o longa provoca reflexões sobre racismo estrutural, direitos humanos e resistência.



7°

ENCONTRO VII

MEMÓRIA

TEMÁTICA:

Relações étnico-raciais

CORPUS LITERÁRIO:

Microcontos do livro *Algumas pessoas cem palavras*, Microconto XCVIII – De orelha a orelha

O microconto selecionado apresenta um episódio simbólico da luta de resistência negra durante o período escravocrata, protagonizado por Job, um homem angolano que recorre à capoeira como instrumento de enfrentamento ao capitão do mato. O texto permite abordar as heranças da escravidão, discutir a criminalização histórica da cultura afro-brasileira e valorizar manifestações de resistência e identidade negra.

OBJETIVO:

- Refletir sobre a resistência do povo negro durante o período escravocrata no Brasil, a partir da análise do microconto “De orelha a orelha”, de Hudson Ribeiro;
- Estimular a valorização da memória histórica, das práticas culturais afro-brasileiras e da luta contra as formas de opressão que ainda ecoam no presente.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:

Organizar a sala de modo que as cadeiras formem um círculo ampliado com o centro livre de modo que todos consigam se comunicar.

ETAPAS DO ENCONTRO

1º ACOLHIMENTO E PROVOCAÇÃO INICIAL

O (A) professor (a) inicia o encontro com o aviso da continuação da abordagem étnico-racial e da etapa final do encontro. Como preparação para a leitura, as abordagens e percepções do encontro passado podem ser recordadas.

2º LEITURA GUIADA

Neste último encontro, propõe-se uma leitura em grupo, para que uma interpretação conjunta seja fomentada. A pausa para comentários espontâneos e levantamento de hipótese deve ser considerada. A roda de conversa orientada pode ser constituída por perguntas mediadoras sobre o que se está lendo como momento de preparo para o aprofundamento da conversa.

XCVIII DE ORELHA A ORELHA

Matheus Alvarenga, o capitão do mato mais temido e odiado no Arraial dos Bragança, possuía um faro especial para caçar negros, muitos diziam que ele trazia sangue indígena nas veias por parte de mãe. Apenas uma vez o Matheuzão não conseguiu o seu intento ao perseguir o negro Job, da nação angola, que ao invés de fugir para o mato como era o costume, encarou o capitão do mato com suas armas e cães, pulando, dançando e executando saltos acrobáticos. Um talho de orelha a orelha é a marca do encontro, o negro Job jogava capoeira com navalha no pé.

RIBEIRO, Hudson. XCVIII DE ORELHA A ORELHA. In: **Algumas Pessoas Cem Palavras**.

Maringá: Viseu, 2019. p. 113.

3º APROFUNDAMENTO E CONVERSA SOBRE A LEITURA

Busca-se, nesse momento, a mediação da temática do microconto. O (A) professor (a) pode direcionar a conversa, caso necessário, em discussões acerca da memória ou herança afro-brasileira. Nessa conversa, o (a) professor (a) e os estudantes podem compartilhar suas experiências e vivências pessoais que possam dialogar com a leitura do texto literário.

Caso necessário, o (a) professor (a) pode recorrer às seguintes perguntas:

- O que Job representa?
- Que tipos de resistência ainda vemos hoje?
- Como o texto articula violência, cultura e liberdade?

4º CONCLUSÃO

Para a conclusão do encontro, este caderno pedagógico sugere a realização de uma conversa final que retome a temática trabalhada e as percepções construídas ao longo da leitura. Nesse momento, além de discutir os conteúdos abordados, orienta-se que os estudantes expressem se apreciaram ou não a experiência e de que maneira a literatura do texto literário contribuiu para sua formação como leitores, compartilhando também impressões gerais sobre os encontros de leitura.

SUGESTÕES COMPLEMENTARES

Besouro (2009), dirigido por João Daniel Tikhomiroff, recria a trajetória de Manoel Henrique Pereira, conhecido como Besouro Mangangá, lendário capoeirista baiano do início do século XX. O filme mescla realidade histórica e elementos de fantasia, destacando a capoeira como expressão cultural, forma de resistência e afirmação identitária

da população negra no Brasil. Para os estudantes do ensino médio, a obra possibilita refletir sobre memória, cultura afro-brasileira e enfrentamento das desigualdades sociais e raciais.

No conto “Maria”, de *Olhos d'Água* (2014), a narrativa acompanha uma mulher que, ao estar presente durante um assalto em um ônibus, é confundida pelos passageiros como cúmplice dos ladrões. A suspeita rapidamente se transforma em violência coletiva, e Maria acaba linchada injustamente, sem qualquer possibilidade de defesa. O conto expõe, com a força característica da escrita de Conceição Evaristo, como o preconceito racial e social, aliado ao medo e à violência cotidiana, pode transformar vítimas em algozes e fazer emergir a brutalidade das desigualdades.



REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2ed. São Paulo: Contexto, 2023.

ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. Tradução de Newton da Cunha. 1 ed. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini [et al]. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho**: apontamentos dos anos 1940. São Paulo: Pedro & João, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Todavia, 2023.

CARVALHO, Damiana Maria de. Microcontos no Brasil. **Entreletras**, Araguaína, v. 8, n. 2, p. 266-281, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/download/3684/11981>. Acesso em: 11 fev. 2025.

COLETIVO QUADRO-A-QUADRO. Leitor, o oitavo passageiro (podcast). Episódio 7: Hudson Ribeiro. YouTube, 13 maio 2021. 1 vídeo (34 min 55 s). Disponível em: <https://youtu.be/5GAiRvFmkwA>. Acesso em: 11 fev. 2025.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 52 ed. São Paulo: Cortez, 2021.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens: Estudos bakhtinianos**. 3 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

GERALDI, João Wanderley. Ler e escrever: uma mera exigência escolar?. **Revista do Sell**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/20>. Acesso em: 17 nov. 2025.

GRILLO, S. V. DE C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2023.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LITERATURA DO ESPÍRITO SANTO. **Hudson Ribeiro**. Disponível em: <https://literatura-do-espírito-santo.webnode.page/l/hudson-ribeiro/>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MIKHAIL bakhtin.jpg. [s. d.]. Fotografia; autor desconhecido. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mikhail_bakhtin.jpg.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Literatura no território dos direitos humanos. In: LIMA, Aldo de... [et al.] (org.). **Direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. e-book. p. 87-108. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/372/382/1125>Acesso em: 10 fev. 2025.

PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RIBEIRO, Hudson. **Africanta: ser negro**. Vitória -ES: Edição do autor, 2015.

RIBEIRO, Hudson. **Algumas pessoas com palavras**. Maringá: Viseu, 2019.

RIBEIRO, Hudson. **Antes de o galo cantar**. Vitória: Cândida, 2022.

RIBEIRO, Hudson. **Círculo Poetizado**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

RIBEIRO, Hudson. **Lucidez Renitente**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

RIBEIRO, Hudson; CEI, Vitor. **Ideias com pernas**. Vitória: Flor & Cultura, 2004.

SPALDING, Marcelo. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. 2008. 81 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13816>. Acesso em: 15 mar. 2025.



INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO



PROFLETRAS